

A linguagem metafórica no candomblé



Guilherme Augusto Rezende Lemos

Metáfora quer dizer simplesmente transferência de significado, para Aristóteles consiste em dar a uma coisa o nome que pertence a outra coisa. Ernst Cassirer, em sua obra de 1946 *Linguagem e Mito*, nos diz que a “Metáfora mítica” dos povos primitivos é a identificação da expressão metafórica com o objeto. Este é o caminho que vamos seguir.

A primeira metáfora a ser trabalhada refere-se ao próprio termo *candomblé* que, segundo Edison Carneiro deriva de *candomble*, que tanto pode significar um tipo de dança muito comum entre escravos das fazendas de café, especificamente, ou, versão menos aceita, a um conjunto de tambores utilizados pelos negros. Esta palavra não é a mais adequada ao complexo universo simbólico que ficou conhecido como candomblé.

Ainda mais metafórica, se seguirmos Cassirer, é a utilização do termo *macumba* que, segundo Renato Almeida, de Areias – SP (apud. Carneiro), é a reunião de *cumbas*, negros jongueiros feiticeiros e ruins. Obviamente que à época da escravidão, e infelizmente ainda hoje, tudo que torna o negro autônomo e livre, no sentido da conquista de uma existência que lhe seja própria, via de regra, é considerado ruim e maléfico, já que o deixa fora do manejo e da opressão dos detentores dos meios de produção econômica. O termo *macumba*, atualmente, significa um “saco de gatos” onde se inclui a umbanda, o candomblé, o candomblé de caboclo, a quimbanda ou qualquer prática animista ou fetichista, claramente com sentido pejorativo. Tenho ouvido com frequência a sentença: “se macumba fosse boa seria uma *boacumba* e não uma *mácumba*”.

Quanto ao “saco de gatos”, cabe desfazê-lo colocando cada coisa no seu lugar. A primeira dissociação necessária refere-se a umbanda e o candomblé cuja única relação é utilização de alguns nomes nagôs de orixás, fora isto nem o próprio conceito de orixá é o mesmo, não há nenhuma relação hierárquica ou de valor entre as duas correntes, sendo apenas diferentes. Outro esclarecimento refere-se ao próprio termo candomblé, cuja melhor aplicação seria o seu plural ou candomblés. Cada nação ou origem étnica possui seus próprios rituais e nomes específicos para seus deuses: Angola, Ketu, Jeje, Ijexá, Nagô, Mina e Malê (vide tabela anexa).

Nesta ocasião vamos nos dedicar a ramificação Ketu do candomblé que alguns denominam Nagô-Vodum, já que cultua deuses tanto de origem nagô como de origem jêje. Esta ramificação deriva dos negros agrupados na Bahia, em fins do XVIII, originários de cidades africanas como Ketu, Oió, Ijebú, Oxogbo, Irê, que passam a servir às necessidades urbanas, muitos já forros ou nascidos livres associados em confrarias de fachada católica: a Boa Morte e a Rosário dos Homens Pretos. Esses negros, liderados por Iyá Detá, Iyá Kalá e Iyá Nassô, reuniram-se numa primeira comunidade de terreiro, àquela época situada na Barroquinha, bairro contíguo à Praça Castro Alves, Salvador – BA, por volta de 1830. No final do XIX, com a morte de Marcelina Obá Tossi que, por sua vez, substituía Iyá Nassô, duas filhas de santo, duas Maria Júlia (Conceição e Figueiredo) disputam a liderança da casa e promovem a primeira cisão, Maria Júlia Figueiredo, a perdedora, funda então o Terreiro do Gantois, e Maria Júlia Conceição transfere o Ilê Iyá Nassô para a roça do Engenho Velho da Federação, Av. Vasco da Gama, onde está até hoje. Na virada do XIX para o XX, com a morte de Mãe Sussu, outra divergência leva Aninha Obá Biyi a fundar o Opô Afonjá, com uma roça localizada em Coelho da Rocha, Rio de Janeiro (segundo José Beniste, esta roça tem início em 1886, no Bairro da Saúde), e outra localizada em São Gonçalo do Retiro, Salvador, desde 1910, onde se encontra até hoje o Xangô de Mãe Aninha.

Essa pequena história de uma família de santo introduz uma outra metáfora importante: a noção de velho. Ser velho no candomblé, ao contrário da sociedade de consumo, é ser importante, antiguidade é literalmente “posto”. Entenda-se aqui velho no

santo e não na idade. Trata-se de uma religião iniciática que prima pela senioridade, o velho adquire o direito a espiritualidade propriamente dita, dedicando todo seu trabalho na comunidade-terreiro ao trato direto com o sagrado em detrimento das atividades rotineiras de limpeza, execução e manutenção, como se diz na roça – só faz os “atos”.

Ildásio Tavares, num escrito sobre Xangô, nos diz que “Velho no candomblé fica como metáfora antropomórfica do estático”, referindo-se a Olodumaré, o absolutamente estático, numa oposição complementar com Exú, o absolutamente dinâmico. Pode parecer estranho, mas o candomblé, apesar de tantos deuses, é uma religião monoteísta, já que Deus, efetivamente não é um ori-xá (dono da cabeça), mas Olo-Odu (Senhor do Destino) que com Urunmilá (a sabedoria que está em todo lugar) e ifá (o oráculo) forma uma tríade que é Una. Exú, por sua vez, é movimento puro. Simbolicamente Exú é representado por um pênis ereto descomunal, o que proporciona como imagem aquilo que ao se movimentar (o pênis), interferindo no aparentemente estático que é a vagina, suscita ali o aparecimento da vida que ao espirar do ser é recolhida pela terra, que novamente se abre como uma vagina, isto é, o lugar da estação. Isto explica o oposto complementar de Exú que é Orixanlá, ou Oxalá, o relativamente estático, representado por uma cabaça grande, com alguns materiais, onde tudo é gestado. Não obstante, Oxalá é um orixá masculino, cuja representação simbólica máxima é o esperma. Oxalá, o deus do branco, é a síntese e princípio de todas as coisas, se movimentado por Exú.

Quando falamos do significado do nome dos orixás abordamos outro aspecto muito peculiar da linguagem nagô: o iorubá arcaico, que são os orikis. Oriki é uma palavra que se compõe de várias palavras: Olo+Odu+Maré = Senhor supremo do destino, Obá+ilú (olu) +aiyê= Rei do lugar (espírito) terra, Omó+Olu= filho do espírito, Ye+omó+ejá= mãe dos filhos que são peixes, Oxu+maré= supremo iniciado, ado+oxu= aquele que carrega a marca da iniciação, Iya+awô= noiva do rei, e+wo= coisa proibida, esta então ganhou mundo para além do candomblé, quem nunca ouviu a expressão: isto é o “ó”!. O oriki trata-se também de uma metáfora já que nomeia uma coisa que literalmente não se chama assim.

Esta simbologia que associa metaforicamente palavras e coisas nos remete ao conceito de folha nas comunidades-terreiro e sua relação com os Olodé (senhores da mata).

Se a mata possui uma alma além do mistério esta é a folha, que a mantém viva pela respiração, que a caracteriza pela cor e aparência, que sombreia seu solo permitindo, através do frescor, a propensão à sementeira.

Kosi ewe, kosi Orisa, diz um velho provérbio nagô: “sem folha não há Orixá”. O termo folha (*ewe*) tem aqui um duplo sentido, o literal, que se refere àquela parte dos vegetais que todos nós conhecemos, e o figurado, que se refere aos mistérios e encantamentos mais íntimos dos Orixás, e também a metáforas maliciosas que dizem respeito a tudo e a todos: – Fulano virou a folha; quer dizer, fulano mudou de time, virou a casaca, “escorregou no quiabo”. Mas o que isto tem a ver com o Orixá? É que o culto aos deuses nagôs se ergue a partir de três *ewes*: o conhecimento, o trabalho e o prazer, um amálgama de concentração e descontração passível apenas de ser vivido, jamais de ser entendido em sua largueza e profundidade.

O *ewe* do conhecimento é aquele que manipula os vegetais, conhece suas propriedades e as reações que produzem quando se juntam, é também aquele que conhece os *ofós* ou encantamentos, sem os quais as energias, para além da química, não se desprendem dos vegetais, é ainda aquele que conhece as “folhas” que não são vegetais, intimidade só partilhada com iniciados de muita confiança.

O *ewe* do trabalho é aquele que, na disciplina e aparente banalidade do cotidiano da comunidade de terreiro, vai “catando as folhas” lançadas aqui e ali, pela observação silenciosa e astuciosa, com as quais vai construindo seu próprio conhecimento; sem o mínimo de “folhas” necessárias não se caminha sozinho. Só se dá “folha” a quem é digno e sabe guardar, a quem trabalha, a quem é presente. Só cata “folha” quem tem a sagacidade de entender a linguagem dos olhares.

O *ewe* do prazer é aquele que produz boa comida, boa conversa, boa música e boa dança, todas quatro povoadas de folhas e “folhas” para quem tem olhos de ver. O Orixá só vive se for alimentado, só agradece pela comunhão, só se mostra pela dança, só se apresenta pela alegria da música e só fala por *ewe*. Sem *ewe* não se entende os Orixás, ideogramas forjados a partir de um emaranhado simbólico tal como a simples folha observada em suas entranhas.

Nos Candomblés do Brasil derivados do Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca – Salvador BA), que tomo como referência sem nenhum demérito para os demais, os Orixás se dividem basicamente em dois grupos: os de dentro de casa (Oxalá e Xangô, este cercado pelas Iyabás: Iemanjá, Oxum, Oiá e Obá) e os de fora (Exu, Ogum, Oxossi, Obaluaiê, Nanã, Oxumarê, Irôco, Apaoká, Airá, Ossaim, Yewá), o que representaria, de um lado, os encantados urbanos e, de outro, os do mato: os *Olodé*, mas esta divisão não é lá tão precisa quando se começa a catar as “folhas”, pois os Orixás possuem qualidades, variações, colorações, matizes, o que faz com que um mesmo Orixá ora esteja associado à cidade, ora ao mato.

Em seu conjunto, os *Olodé*, são encantados que compõem toda uma estrutura metafísica da mata em seus mínimos detalhes, do movimento constante da vida (Exu) às trilhas que singram seu corpo (Ogum), das árvores em seu conjunto (Oxóssi, Odé, Otim, Obá, Irôco, Idacô, Apaocá) às folhas em separado (Ossaim), dos rios que a cortam e umedecem (Oxum e Iemanjá) às pedras que a sustentam e enfeitam (Otá), da terra que lhe serve de pouso e alimento (Obaluaiê) ao vento que distribui seus pólenes e perfumes (Oiá), dos corpos mortos que reabastecem suas dispensas (Yewá e Nanã) à vida que abunda e encanta (Logum Edé e Oxumarê), do fogo que a destrói (Xangô), mas que das cinzas a faz renascer como teimosa fênix (Omolu), ao ar que ao mesmo tempo alimenta o fogo da destruição renovadora (Oxoguiã) ou a faz respirar profundo dando continuidade, frescor e leveza à vida (Oxalufã).

Como representação simbólica detalharemos cinco, atítulo de exemplo: Exu, Ogum, Oxossi, Logum Edé e Ossaim. Estes *Olodé* são todos ligados ao movimento da vida e se

relacionam entre si, aparentados, companheiros, irmanados no elo indissolúvel da continuidade.

Exu, movimento por excelência, é força sem destino e sem caráter. As folhas e “folhas” com as quais se propicia Exu é que lhe dão sentido e valor, que o tornam apto aos mais diversos fins. Quem “acorda” Exu deve estar ciente do poder do Movimento. Não se movimenta um grão de poeira sem pagar o devido preço à Natureza.

Ogum, irmão e companheiro inseparável de Exu e Oxossi, é também movimento, só que a seu modo: Movimento Civilizatório. Diz o mito que Ogum tendo água em casa se lava com sangue. E assim o é. Ogum representa, a custo de sangue, o salto da humanidade ao descobrir a metalurgia, abrindo-lhe literalmente caminhos inesgotáveis. Ogum, Senhor dos Caminhos, sempre a frente mostrando que vale a pena caminhar, apesar dos percalços.

Oxossi se encanta no conjunto da mata, no eterno movimento da caça e do caçador, na astúcia de manter-se vivo e alimentado, na paciência que propicia o momento certo, na camuflagem sedutora do encantamento, na fartura que ao mesmo tempo assegura e enfastia, na solidez dos grossos troncos e na fragilidade das flores baldias, no perigo e na tranquilidade.

Logum Edé se encanta nas margens dos rios que cortam as matas, quando da cheia é também rio, quando da vazante permanece mata. É assim um misto de Oxum e Oxossi, ora um ora outro, ora ainda nenhum dos dois. “Folha” caprichosa e sempre renovada, Logum é o movimento da meninice, da alegria do esconde-esconde, da algazarra que só o viço da vida em sentido crescente proporciona, é a beleza juvenil que encanta os olhos e conduz à preservação da espécie.

Ossaim é a própria folha em si mesma, seus mistérios, seus ingredientes que podem salvar ou matar, acalmar ou enlouquecer, elucidar ou alucinar. Ossaim é o movimento da inteligência humana, é o âmago das ciências médicas com suas “folhas” sintéticas, seus aparatos que vão muito além das possibilidades dos sentidos. Por isso se canta ao se colher

folhas na mata, para propiciar nas folhas o que os olhos não vêem, para lembrar que a mistura de folhas escolhidas é fruto de um ato pensado.

A mata aos olhos do nagô é um convite à reflexão e a purificação e não um objeto de manipulação. Não se entra na mata sem antes pedir licença e presenteá-la, a mata é, antes de tudo, um deus vivo e com vontade própria, mancomunado com o resto da Natureza. Só se encontra na mata aquilo que a mata mostra, portanto é preciso conversar, dialogar, entrar num acordo. Não se entra na mata em vão, não se pega mais folhas do que o preciso, não se caça o desnecessário, não se acende vela, não se usa vasilha que não seja feita de folha, não se destrói, não se suja, não se maltrata. *Kosi ewe, Kosi Orisa.*